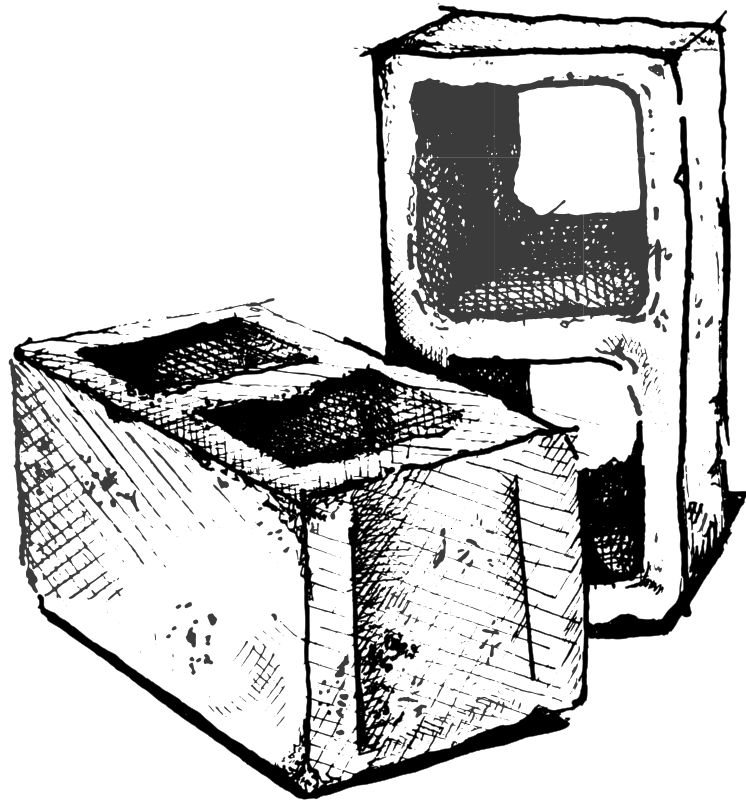




EDITORIAL

Mobilidades do/no Sul:

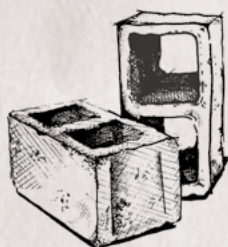
**ou por que falar de mobilidades
em português e espanhol?**

Camila dos Santos Moraes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Maria Alice de Faria Nogueira

Universidade Federal do Rio de Janeiro



**L
A
J
E**

v.4 n.1
p. 6-19
2025

ISSN: 2965-4904

DOI: 10.9771/lj.v4i0.70749

A ideia deste dossiê surgiu a partir de uma provocação feita pelo editor da revista *Laje*, Leo Name (PPG-AU/FAUFBA), na *Primeira Escola de Ciência Avançada em Mobilidades—SPMobilities*, em 2017. Organizada por Bianca Freire-Medeiros (FFLCH/USP) e Thiago Allis (EACH/USP), professora e professor da Universidade de São Paulo, a *SPMobilities 2017* reuniu pesquisadoras e pesquisadores dos Estados Unidos, da Europa e da América Latina. Por conta da participação de palestrantes de outros países, o inglês foi escolhido com a língua oficial, apesar de o evento ter se realizado na USP, no Brasil. Independentemente da escolha do idioma no evento, ao questionar o porquê de não se acionar o português ou, pelo menos, o espanhol, Name chamou a atenção para uma questão que há muito tempo está presente na academia brasileira: a escolha por privilegiar a língua inglesa tanto em eventos quanto em publicações. Especialmente no caso das produções e pesquisas relacionadas às “mobilidades”, originalmente sediadas em centros de pesquisa do/ no Norte Global, esta premissa se mostrava muito presente.

Desde então, inicia-se um esforço, do qual a revista *Laje* é uma representação importante, de fortalecer a presença de grupos de pesquisa, artigos, livros, eventos, escolas, autoras, autores e dossiês que deem visibilidade, de maneira inequívoca e diversa, mesmo que limitada — porque sempre um recorte —, a pesquisas, investigações e inquietações sobre o mundo em movimento *no, do e desde* o Sul Global. As iniciativas que derivam desse esforço acadêmico de um grupo de pesquisadoras e pesquisadores — uma parte presente neste Dossiê — jogam luz em cenários de circulação, deslocamento e (i)mobilidades muito únicos e peculiares, mas com algo em comum: o passado colonial e sua experiência sócio-geo-histórica, cultural, política e econômica posterior, a qual afeta, atravessa, facilita ou impede de maneira (in)voluntária e desigual a (não) circulação de corpos, objetos, informação e capital.

Ainda em 2017, uma primeira obra sobre pesquisas em mobilidade realizadas por pesquisadores e pesquisadoras brasileiros começou a ser organizada. Intitulada *Brazilian Mobilities* (NOGUEIRA; MORAES, 2020), a coletânea foi editada pela Routledge, na série *Changing Mobilities*, e buscou reunir uma amostra da produção sobre mobilidades, no Brasil, que possuía o chamado Paradigma das Novas Mobilidades (PNM) — cf. Sheller; Urry (2006; 2016) — como ponto de partida teórico-analítico e/ou metodológico. Apesar de publicada em inglês, foi feita uma negociação com a editora sobre a possibilidade de publicação do material também em português, já que o livro fechava com o capítulo de Name (2020) que, não por acaso, tinha como título a pergunta “Por que estamos escrevendo em inglês?”. Este Dossiê é, portanto, uma retomada, cinco anos depois, apresentando uma perspectiva ampliada do livro, em direção a uma ideia de Mobilidades do/no Sul. Ou seja: uma expansão para além do PNM, a partir de uma amostra da produção em português e seus diálogos com pesquisadores hispanófonos latino-americanos.

Mas de que mobilidades estamos falando? E por que falar em português?

Como mencionado, em *Brazilian Mobilities* (NOGUEIRA; MORAES, 2020) apresentamos uma amostra de estudos brasileiros que operam sob as lentes do PNM, lançado originalmente no texto *The new mobilities paradigm*, publicado em 2006, pelos sociólogos Mimi Sheller, pesquisadora dos Estados Unidos, e John Urry, da Inglaterra. De acordo com Sheller e Urry (2006; 2016), com a combinação de avanços nas tecnologias de comunicação, informação e de transportes, a partir da virada do milênio assistimos a uma intensificação de fluxos globais e, com isso, um aumento da circulação de pessoas, objetos, informações, imagens e imaginários que envolvem, mesmo que de forma desigual, uma boa parte das sociedades do globo, demandando, assim, uma nova forma de se olhar e analisar estas sociedades. Tais sociólogos propõem, assim, trazer os movimentos para a análise sociológica, considerando-os provocadores de mudanças significativas e determinantes nos modos de vida social, econômica e política contemporânea. Para tanto, fundaram tanto um centro de pesquisa na Universidade de Lancaster, no Reino Unido, o *Centre for Mobilities Research* (CEMORE), quanto o periódico científico *Mobilities Journal*. Uma série de pesquisadoras e pesquisadores se unem a este esforço: primeiramente, advindos/as da Europa, seguidos por colegas da América Latina hispanófona, do Brasil e de países da África. É importante destacar que, em paralelo, um grupo de intelectuais na França debatia, também, um *paradigme de la mobilité*, conforme apontado por Freire-Medeiros *et al.* (2018).



No Brasil, o PNM chega por meio de estudos da sociologia do turismo e das mobilidades turísticas, em grande medida incentivado pela publicação local do livro *O Olhar do Turista* ([1991] 1999), de John Urry; e, 20 anos mais tarde, de *O Olhar do Turista 3.0* ([2011] 2021), no qual Urry atualiza, em coautoria com Jonas Larsen, as questões propostas no primeiro livro, que ainda não contavam com a força das tecnologias da informação, como a internet.

Neste sentido, e não por acaso, no Brasil, os primeiros diálogos com as mobilidades se deram nos estudos sobre o turismo, mais especificamente no turismo em favelas, a partir de Bianca Freire-Medeiros (2007; 2009; 2010; 2013). A socióloga já apontava para as mudanças no comportamento dos turistas ao se relacionarem diretamente com novos arranjos sociais, a partir dos anos 2000, e suas análises culminaram na elaboração da noção de *traveling favela* — ou “favela viajante” (FREIRE-MEDEIROS, 2013). Inspirada pelo PNM, ela propõe que a combinação da favela, enquanto marca e mercadoria, ocorre através da “circulação de imagens, significados, objetos e corpos responsáveis por criar e mobilizar a favela turística” que, enquanto espaço e destino, se torna um fenômeno mundial na virada do milênio (ibid., p. 24). Outros/as intelectuais do turismo se somaram a essas análises, como Vera Guimarães, em estudos sobre migrações, turismo e mobilidades (GUIMARÃES, 2011); e Thiago Allis (ALLIS, 2016; ALLIS *et al.* 2020; CARNEIRO; ALLIS, 2024), em seus estudos sobre transportes, turismo e hospitalidade em contextos urbanos. Mais tarde, tais trabalhos se expandem para a área de comunicação, como publicações de Adriana Souza e Silva (2010) e Fernanda Duarte (2020), entre outras, chegando até as organizadoras deste dossiê que focam nas (i)mobilidades em favelas, incluindo as turísticas (MORAES, 2017; FREIRE-MEDEIROS, MORAES, 2022; MORAES *et al.* 2022) e nas mobilidades de objetos, marcas e materialidades (NOGUEIRA, 2020; 2021; 2023; NOGUEIRA; SOUZA, 2023)

Ao longo de mais de quinze anos de pesquisas no Brasil, além da organização das quatro edições da *SPM Mobilities* (2017), renomeada para *SPM Mob* (2019; 2021; 2023), foram editados dois livros digitais em português — *Antropologia das Mobilidades* (SOUZA; GUEDES, 2021) e *Mobilidades Turísticas: Debates e Estudos Contemporâneos* (ALLIS; MORAES; CATALANO, 2023); dois livros organizados em inglês, *Brazilian Mobilities* (NOGUEIRA; MORAES, 2020) e *Alternative (Im)Mobilities* (NOGUEIRA, 2024), além de dois dossiês em periódicos científicos nacionais — a *Revista Tempo Social*, v. 30, n. 2 (FREIRE-MEDEIROS; TELLES; ALLIS, 2018) e a *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 11, n. 28 (FREIRE-MEDEIROS; MAGALHÃES; MENEZES, 2023). Para além dessas obras publicadas, os estudos em mobilidades foram organizados em grupos de trabalhos em

importantes eventos acadêmicos nacionais e internacionais, como a Reunião de Antropologia do Mercosul, o Congresso Brasileiro de Sociologia, o Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo e o Fórum ABRATUR — Academia Internacional para o Desenvolvimento da Pesquisa em Turismo no Brasil. Além disso, houve a participação de pesquisadores e pesquisadoras brasileiros/as em eventos organizados por associações internacionais, como a *Cosmobilities Network: The European Network of Mobility Research* e a *International Association for the History of Transport, Traffic and Mobility (T2M)*. Nessas conferências, acontecem alguns dos primeiros contatos com intelectuais latino-americanos e da África, cujo resultado em parcerias veremos, também, neste dossiê.

Ainda em termos de publicações com integração de pesquisas realizadas no Brasil e em outros países da América Latina, podemos citar os livros *Términos Clave para los Estudios de la Movilidad en América Latina* (ZUNINO SINGH; GIUCCI; JIRÓN, 2018) e *Nuevos términos Clave para los Estudios de Movilidad en América Latina* (ZUNINO SINGH; GIUCCI; JIRÓN, 2023), com textos em espanhol e português. Neste percurso, estudiosos de diversas formações acadêmicas mobilizaram, para além de autores/as que carregam a herança do PNM nas suas produções, uma literatura localizada, latino-americana, com uma mirada mais relacionada com o cenário sociopolítico e cultural do Sul Global, de modo a pensar a economia e o consumo, as mobilidades sociais, a comunicação e a tecnologia, o planejamento urbano e o transporte, a arte e a cultura, a educação, a saúde, a justiça móvel e as sustentabilidades, entre outros temas impactados por movimentos, deslocamentos e (i)mobilidades de pessoas, ideias, objetos e informações.

Em resumo, têm-se mais de cinquenta pesquisadoras e pesquisadores, mais de sessenta artigos publicados em periódicos em português, mais de trinta dissertações de mestrado e teses de doutorado e mais de dez grupos de pesquisa, dentre os quais destacamos o MTTM — Mobilidades: Teorias, Temas e Métodos e o Mobtur — Mobilidades e Turismo, que abordam questões sobre mobilidades turísticas, mobilidade estudantil, sociabilidade em movimento, mobilidades potenciais e discurso, imobilidades e consumo, mobilidades imaginativas, mobilidades acadêmicas internacionais, mobilidades e línguas em contato e mobilidades em movimentos sociais.

De 2017 para cá, a Escola de Ciência Avançada em Mobilidades, agora *SPMob*, que caminha para sua quinta edição em 2025, tornou-se um evento de referência no Brasil para o estudo das mobilidades. O evento segue promovendo discussões interdisciplinares sobre o movimento de pessoas, ideias, mercadorias e políticas e reúne um público

de mais de cinquenta pesquisadores e setecentos estudantes, professores e profissionais. A cada edição, um tema direciona as aulas: a primeira prestou uma homenagem póstuma a John Urry, sociólogo que, pioneiramente, institucionalizou o debate acerca das mobilidades. Em 2019, focou-se nas "(Des)Igualdades em Movimento" e expandiu-se o contato com intelectuais de outros países da América Latina. Em 2021, a edição "Mobilidades em Tempos de Crise" ocorreu virtualmente, devido à COVID-19, e focou nos métodos de pesquisa com aulas ministradas por pesquisadoras e pesquisadores brasileiros em universidades fora do Brasil. Em 2023, "Memórias & Futuros" reuniu intelectuais dos Estados Unidos, Portugal, Argentina e Chile, com pesquisas sobre povos indígenas, ruínas, outras temáticas. Em 2025, a Escola dialogará sobre Crises Climáticas.

Dessa forma, o objetivo deste dossiê não é apenas apresentar uma amostra dos estudos de mobilidades desenvolvidos no Brasil, mas também construir e/ou ampliar uma rede com outras perspectivas, especialmente àquelas que privilegiam o diálogo Sul-Sul. Nesse sentido, "Mobilidades do/no Sul" foi organizado como uma curadoria de estudos que, mesmo de forma limitada, deem visibilidades ao potencial epistemológico, analítico e metodológico das mobilidades, a partir de um ponto de vista mais amplo, multissituado e multiescalar. O dossiê tem a participação de dezenove pesquisadores e pesquisadoras, de áreas como Antropologia, Arquitetura, Comunicação, História, Psicologia, Sociologia e Turismo, de doze instituições sediadas no Brasil, Argentina, Chile, Estados Unidos e Quênia, e segue com dez artigos, duas entrevistas em espanhol, um ensaio fotográfico e uma resenha, agrupados em torno de temas como a mobilidade de lugares, corpos, objetos e materialidades; e também sobre as (i)mobilidades e fricções que os deslocamentos e a (não) circulação de entidades e "trecos móveis" (NOGUEIRA, 2021) podem proporcionar.



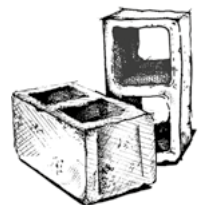
Abrimos o dossiê e a seção de **Entrevistas** com duas conversas com parceiros, conduzidas por nós duas, na proposta de valorizar os estudos das mobilidades na América Latina: o argentino **Dhan Zunino Singh**, Investigador Adjunto do *Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas* (CONICET) e coordenador do Laboratório Espaço, Tecnologia e Cultura (CHI-IESCT, UNQ) na Universidade Nacional de Quilmes; e a chilena **Paula Jirón**, Professora Associada do Instituto de la Vivienda (INVI) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade do Chile.

Começamos com **Zunino Singh**, historiador, que traz em sua entrevista uma reflexão sobre mobilidade urbana, memória e história e suas conexões com a produção do espaço nas cidades. Sua fala oferece uma perspectiva interdisciplinar, combinando sociologia, história e estudos culturais, para analisar como as práticas de mobilidades moldam as cidades e influenciam questões sociais, políticas e ambientais. Além disso, ele aborda temas como a chamada descolonização teórico-epistemológica, os impactos políticos na mobilidade e os desafios para a transição sustentável, especialmente no contexto latino-americano, com foco na cidade de Buenos Aires. Em sua entrevista, **Jirón** aborda questões fundamentais sobre mobilidade urbana, desigualdades de gênero, interseccionalidade e planejamento territorial, especialmente no contexto de Santiago do Chile. Com sua experiência como antropóloga e pesquisadora — e agora presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Territorial no Chile —, ela nos oferece reflexões valiosas sobre a mobilidade como uma lente analítica potente que, em sua dinâmica, revela desigualdades no cotidiano da vida social. Para Jirón, por enxergar a cidade como fluxo, auxilia na proposta de se pensar novas formas de políticas públicas e planejamento urbano.



Abrindo a seção de **Artigos** do dossiê, temos também a oportunidade de publicar a tradução em português de um importante texto de Jirón, **Transformando-me na "sombra"**. Publicado originalmente em inglês, no livro *Mobile Methods* (BÜSCHER *et al*, 2018), o texto, traduzido por Thiago Vinícius da Costa Vieira, pesquisador da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, propõe uma metodologia híbrida e interdisciplinar, na qual o/a pesquisador/a é mobilizado por seu objeto e faz um acompanhamento de seu deslocamento — transformando-se em sua sombra — para entender a experiência de ser (ou não) móvel em grandes centros urbanos, como Santiago do Chile.

E é a partir da mobilidade de signos de festa e cultura, que o texto seguinte, **O subúrbio que o Rio de Janeiro inventou: mobilidades imaginativas em torno de uma alegoria da cidade**, de **Frank Andrew Davies**, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, e **Bianca Freire-Medeiros**, professora da Universidade de São Paulo, reflete sobre as representações culturais e sociais dos subúrbios cariocas. Os sociólogos demonstram como a categoria "subúrbio", no Rio de Janeiro, transcende aspectos geográficos, acumulando conotações estéticas, morais e afetivas, e se torna uma alegoria da cidade e da identidade nacional. À luz das mobilidades imaginativas, discutem como imagens e narrativas sobre os subúrbios circulam e moldam percepções sobre a cidade



e seus habitantes, e propõem uma agenda de pesquisa voltada para as dinâmicas de mobilidade e imaginação que definem representações urbanas no Brasil e no Sul Global.

Em contrapartida à circulação imagética de subúrbios e periferias da cidade do Rio de Janeiro e de São Paulo, o artigo a seguir, **Performance e mobilização coletiva: “Chorar os Filhos” como resistência radical contra a violência de Estado**, de **Talita Vasconcelos Brandão** e **Camila Maciel Campolina Alves Mantovani**, ambas da Universidade Federal de Minas Gerais, reflete sobre a (i)mobilidade de jovens negros/as periféricos/as atingidos pela violência do Estado. A partir da performance “Chorar os Filhos”, de Nina Caetano, o texto explora a potência da arte como ferramenta tanto de contestação política e social quanto de resistência contra a violência estatal. As autoras põem em diálogo Butler (2017; 2019), Rancière (2016), Sheller e Urry (2016) e nos mostram como a arte da performance pode ser usada para denunciar o genocídio da juventude negra no Brasil, ao dar visibilidade às histórias de mães que perderam seus filhos e filhas e que transformam o luto em luta coletiva.

Ainda na chave do potencial de (i)mobilidade dos corpos, em **Weaponização da narrativa sobre migrantes no Sul Global: articulando conceitos e efeitos**, a pesquisadora **Suzana Duarte Santos Mallard**, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, problematiza a manipulação de narrativas sobre migração para fins políticos, econômicos e sociais. Tendo como foco a migração de latinos para os Estados Unidos, Mallard explora a ideia de “*weaponização*” (TEITELBAUM; WEINER, 1995) das migrações, levada a cabo pelo governo estadunidense, e mostra como discursos e práticas oficiais reforçam estereótipos e desviam o foco das causas estruturais, dificultando, assim, políticas públicas inclusivas — em especial durante o governo Trump, em vigor em seu segundo mandato.

A questão da opressão é trazida à tona no texto **Das viagens contraculturais às viagens colaborativas: ativismo identitário e feminismo interseccional em plataformas digitais**, que não trata de migrações, mas do deslocamento voluntário feito nas práticas do turismo. Thais Costa, professora do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, e Vinicius Pereira, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, traçam um paralelo entre os movimentos contraculturais das décadas de 1950 e 1960 e as redes colaborativas contemporâneas de mulheres brasileiras, destacando como essas redes promovem emancipação, coletividade e resistência às estruturas opressivas. Em diálogo com questões de gênero, etnia e classe, o artigo oferece uma perspectiva crítica sobre desigualdades nas práticas de mobilidades turísticas, nos fa-



zendo pensar sobre os regimes normativos e de mobilidades que facilitam ou impedem a livre circulação de corpos femininos.

Tomando como "gancho" teórico os regimes de mobilidades (GLICK SCHILLER; SALAZAR, 2014), a partir desse ponto o dossiê enfoca a dinâmica de circulação dos objetos e suas materialidades infraestruturais. **Furtaram o meu Fusca. E agora? Sobre regimes normativos e de mobilidades na cidade**, o artigo de **Isabela Vianna Pinho**, doutoranda na Universidade Federal de São Carlos, explora a experiência do furto de seu próprio carro na cidade de Santos, em São Paulo, como ponto de partida para compreender a coexistência de "regimes normativos" (FELTRAN, 2020) e de mobilidades nas periferias paulistas — e para além delas. A partir da narrativa autoetnográfica de sua dupla posição, como "vítima" e pesquisadora, Pinho revela a complexa relação entre diferentes atores, "sejam eles ligados ao "mundo do crime", "estatal" ou "midiático", e aponta como as noções de capital social e de capital de rede se impõem — e são acionadas —, no auxílio à capacidade de as pessoas se moverem (ou não) entre tantas instâncias normativas que são relatadas no texto.

Adriana de Souza e Silva, da Northeastern University, nos Estados Unidos, e **Mar Scardua**, da North Carolina State University, também nos Estados Unidos, trabalham a questão da justiça pela ideia da micromobilidade, nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Em **Justiça e micromobilidade: uma análise dos serviços de compartilhamento de bicicletas e patinetes na cidade do Rio de Janeiro**, as autoras trabalham com a noção de "mobilidade justa" — ou *mobility justice* (SHELLER, 2018) —, em articulação com o conceito de mobilidade sustentável, para pensar sobre o quanto a integração de tecnologia e mobilidade, no caso dos serviços de compartilhamento de patinetes e bicicletas gerenciados via *smartphones*, reproduzem desigualdades sociais estruturais em sua dinâmica operacional, reforçando a carência de modos sustentáveis e justos de se mover pela cidade.

A ideia de sustentabilidade também está presente no artigo de **Filipe Marino**, professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. No texto **Desafios da mobilidade urbana em contexto de mudanças climáticas: vulnerabilidade e resiliência das infraestruturas através de cinco tragédias brasileiras**, Marino aborda os desafios da mobilidade de pessoas, objetos, informação e capital, em centros urbanos no Brasil e em um contexto de mudanças climáticas. Com base em conceitos como resiliência, *capability* e adaptabilidade, o autor destaca a vulnerabilidade das infraestruturas e a necessidade de torná-las mais resilientes e adaptáveis aos problemas de uma socie-

dade cada vez mais "em risco" (BECK, 1992). Como objeto de análise, Marino examina cinco tragédias climáticas brasileiras, incluindo as enchentes no Rio Grande do Sul, em 2024, apontando os impactos sociais, econômicos e ambientais gerados pela falta de investimentos nas infraestruturas de mobilidade e na promoção da qualidade de vida nas cidades brasileiras.

A falta de investimento também é central na análise feita pela professora **Gladys Nyachieo**, da Universidade Multimídia do Quênia, sobre mobilidade, manutenção e segurança nas estradas desse país da África Oriental. Ao abordar como questões étnicas e políticas influenciam na priorização de reparos nas estradas, muitas vezes negligenciando a circulação e o deslocamento em áreas menos favorecidas, a socióloga traz para discussão, em **Olha o buraco! Mobilidade, política de manutenção e de segurança nas estradas no Quênia**, as fricções vivenciadas pela população que utiliza a infraestrutura rodoviária cotidianamente, para negócio ou lazer. O texto discute, ainda, o uso de tecnologias e redes sociais na circulação da informação, destacando o envolvimento da comunidade e seu papel na denúncia e na reparação de buracos.

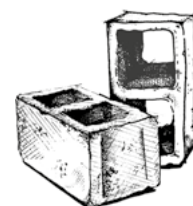
Voltamos à questão das migrações para fechar a seção de artigos do dossiê. O texto **Breve panorama da produção científica sobre fluxos migratórios Brasil-Chile: levantamento temático e analítico**, de **Sidney Dupeyrat de Santana**, doutorando em Comunicação e Cultura na Universidade Federal do Rio de Janeiro, faz um levantamento sistemático da produção científica sobre os fluxos migratórios entre Brasil e Chile, oferecendo um panorama dos aspectos históricos, culturais, políticos e sociais tratados em artigos, teses e dissertações, com base em conceitos como identidade, integração, memória e refúgio, que perpassam as histórias de quem voluntária ou involuntariamente se coloca em fluxo.

A seguir, na seção **Ensaio**, apresentamos o trabalho de **Vinícius de Souza Mendes**, jornalista e doutorando em Sociologia na Universidade de São Paulo. O ensaio **Morenos e mercados, cholitas e sambódromos: ritualizando a ascensão boliviana em São Paulo** reúne vinte e duas fotografias em preto e branco, produzidas entre 2019 e 2024, e oferece um olhar jornalístico, mas em certa medida também artístico, sobre a transformação das festas folclóricas bolivianas, conectando aspectos culturais, sociais e econômicos desse importante grupo de imigrantes em São Paulo. Mendes explora como essas festividades refletem a ascensão socioeconômica dos bolivianos, destacando a ritualização do social como um elemento central. Além disso, o ensaio contex-

tualiza as mobilidades estruturais e simbólicas dessas festas, mostrando como elas se expandiram em tamanho, recursos e impacto.

Para finalizar, o dossiê traz, na seção **Resenha**, o texto **Violência, cotidiano e sociabilidades: a descida ao ordinário para pensar a emergência e o caso das UPPs no Rio de Janeiro**. Trata-se da resenha do livro *Entre o Fogo Cruzado e o Campo Minado: a Pacificação das Favelas Cariocas*, de Palloma Valle Menezes (2023), feita pelo professor **Alexandre Magalhães**, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e que apresenta a obra que relata o trabalho de campo de quase quatro anos realizado pela autora nas primeiras favelas pacificadas no Rio de Janeiro: Santa Marta e Cidade de Deus. Baseada no conceito do pragmatismo e influenciada pelo pensamento de Machado da Silva, a obra buscou analisar as consequências da implementação das UPPs no cotidiano das favelas, a partir da reconfiguração do modo em que moradores, traficantes e policiais experienciaram seu cotidiano.

A produção sobre mobilidades no Brasil continua muito concentrada no Sudeste, entre Rio de Janeiro e São Paulo. No entanto, como vimos, os esforços de publicação e de presença dos Grupos de Trabalho, nos congressos científicos, buscam ampliar a produção sobre o tema para além deste eixo. O desequilíbrio nas produções é parte resultante do histórico fluxo de pesquisadoras e pesquisadores do interior para os grandes centros, que também dizem muito sobre desigualdades no universo acadêmico, como a questão da língua que trouxemos no começo desta apresentação. Minimizar esse desequilíbrio é um desafio que se soma à tarefa de expandir os debates e as redes de pesquisa sobre as mobilidades entre pesquisadoras/es do Sul Global, o qual a Revista Laje, e esse dossiê, nos parece ser um bom registro.



Obrigada, Leo Name e equipe editorial da revista *Laje* da UFBA!

Referências

ALLIS, T. Em busca das mobilidades turísticas. **Plural (São Paulo. Online)**, v. 23, p. 94, 2016. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-8099.pcs0.2016.125112>

ALLIS, T.; MORAES, C.M.S.; SELLER, M. Revisitando as mobilidades turísticas. **Revista Turismo em Análise**, v. 31, p.

271-295, 2020. <https://doi.org/10.11606/issn.1984-4867.v31i2p271-295>

ALLIS, T.; MORAES, C.M.S.; CATALANO, B. **Mobilidades turísticas**: debates e estudos contemporâneos. Vol. 5 (Coleção Desenvolvimento do Turismo). Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências

- e Humanidades, 2023. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786588503324>
- BECK, U. **Risk Society: Towards a New Modernity**. Londres: Sage, 1992.
- BÜSCHER, M., URRY, J., WITCHGER, K. **Mobile Methods**. Abingdon: Routledge. 2010
- BUTLER, J. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017
- BUTLER, J. **Vida precária: os poderes do luto e da violência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019
- CARNEIRO, J.; ALLIS, T. Mobilidades, etnografia e turismo: um panorama sobre metodologias etnográficas na literatura. **Etnográfica (Lisboa)**, p. 259-282, 2024.
- DUARTE, F. P. C. #BHnas ruas: mobile journalism during the June Journeys. In NOGUEIRA, M.A. de F.; MORAES, C. M. S. **Brazilian Mobilities**. Oxon, UK: Routledge, 2020.
- FREIRE-MEDEIROS, B. A Favela que vê e que se vende. Reflexões e polêmicas em torno de um destino turístico. **RBCS** Vol. 22 n°. 65 outubro/2007
- FREIRE-MEDEIROS, B. **Gringo na Laje: Produção, Circulação e Consumo da Favela Turística**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009
- FREIRE-MEDEIROS, B. Entre tapas e beijos: a favela turística na perspectiva de seus moradores. **Soc. estado**. 25 (1), abril/2010 <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000100003>
- FREIRE-MEDEIROS, B. **Touring Poverty**. Oxon, UK: routledge, 2013.
- FREIRE-MEDEIROS, B. **The Traveling Favela**. Global Dialogue. 2023. <https://globaldialogue.isa-sociology.org/articles/the-traveling-favela>
- FREIRE-MEDEIROS, B.; TELLES, V. da S.; ALLIS, T. Por uma teoria social on the move. **Tempo Social**, 30(2), 2018. p.1-16. <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.142654>
- FREIRE-MEDEIROS, B.; MORAES, C. M. S. Mobilidades transnacionais y la producción académica sobre el turismo de favelas. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, 16, e-2262. 2022
- FREIRE-MEDEIROS, B.; MAGALHÃES, A.; MEZEZ, P. (I) mobilidades socioespaciais e suas infraestruturas. **Revista Brasileira de Sociologia**. v. 11 n. 28, 2023. <https://doi.org/10.20336/rbs.976>
- GLICK SCHILLER, N.; SALAZAR, N. **Regimes of Mobility**. Imaginaries and Relations of Power. Oxo, UK: Routledge, 2014
- GUIMARÃES, V. M. Globalização, as condições de mobilidade contemporânea e as práticas turísticas. **Revista Contemporânea (UERJ. Online)**, v. 09, p. 09-20, 2011.
- MORAES, C.M.S. **Favelas ecológicas: passado, presente e futuro da favela turística**. 2017. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2017.
- MORAES, C.M.S.; LA VEGA, B.V.; FRENZEL, F. REGA, I.; MAINARD-SARDON, J. Favela tour virtual: sobre mobilidades turísticas em favelas no contexto da pandemia de Covid-19. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v. 11, 2022.
- NAME, L. Why are we writing and speaking in English? Coloniality of academic communication and its uneven mobilities. In: NOGUEIRA, M.A. de F.; MORAES, C.M.S. (orgs.). **Brazilian mobilities**. Oxon, UK: Routledge, 2020, p. 169-181.
- NOGUEIRA, M.A. de F.; MORAES, C. M. S. **Brazilian Mobilities**. Oxon, UK: Routledge, 2020.
- NOGUEIRA, M.A. de F. Trecos Móveis: a mobilidade em potência e o novo papel social dos objetos na publicidade das marcas. **Signos do Consumo**. v. 13 n. 1, 2021.

<https://doi.org/10.11606/issn.1984-5057.v13i1p72-81>

NOGUEIRA, M.A. de F. **Alternative (im) mobilities**. Oxon, UK: Routledge, 2023.

NOGUEIRA, M.A. de F.; SOUZA, R. dos S. Where Media Technology Is Not Fully Available. Sound-Based Means of Transport as Local Media. In VANNINI, P. (ed.) **Mobilities in Remote Places**. Oxon, UK: Routledge, 2023.

NOGUEIRA, M.A. de F.; DUARTE, C. P. F. Comunicação, Mídia e Mobilidade. ZUNINO SINGH, D.; GIUCCI, G.; JIRÓN, P. **Nuevos términos clave para los estudios de movilidad en América Latina**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2023

RANCIÈRE, J. **The method of equality**. Cambridge: Polity Press, 2016

SHELLER, M.; URRY, J. The new mobilities paradigm. **Environment and Planning A** volume 38, 2006, pages 207-226. <https://doi.org/10.1068/a37268>

SHELLER, M.; URRY, J. Mobilizing the new mobilities paradigm. **Applied Mobilities** Volume 1, 2016

SHELLER, M. Theorising mobility justice. **Tempo Social**, 30(2), 17-34.2010.

SHELLER, M. Mobility Justice. The Politics of Movement in An Age of Extremes. New York: Verso. 2018.

SOUZA E SILVA, A.; FRITH, J. Locative mobile social networks: mapping communication and location in urban spaces. **Mobilities**, v. 5, p. 485-505, 2010.

SOUZA, C. V.; GUEDES, A. D. **Antropologia das mobilidades**. Brasília: ABA Publicações, 2021.

SPMOB, 2017. <https://eanneleite.wixsite.com/2017>

SPMOB, 2019. <https://spmob2019.wixsite.com/spmob2019?fbclid=IwAR3WAohCVyNOTJ-gzEAvxqwmrP6wRcDphkjTBNCdr5mQWasMUaImU-5VW7aiA>

SPMOB, 2021. <https://www.observatorio-dasmetropoles.net.br/terceira-escola-de-ciencia-avancada-em-mobilidades-metodos-moveis-spmob2021/>

SPMOB. 2023. <https://www.even3.com.br/spmob2023-325990/>

TEITELBAUM, M., WEINER, M. Threatened Peoples, Threatened Borders: World Migration and U.S. Policy, W.W. Norton, 1995

URRY, J. **O olhar do turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas** O olhar do turista : Lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. Barueri, SP: Editora Nobel, 1999

URRY, J.; LARSEN, J. **O olhar do turista 3.0**. São Paulo: Editora SESC, 2021

ZUNINO SINGH, D.; GIUCCI, G.; JIRÓN, P. **Términos clave para los estudios de movilidad en América Latina**. Buenos Aires: Editorial Biblos, 2018.

ZUNINO SINGH, D.; GIUCCI, G.; JIRÓN, P. **Nuevos términos clave para los estudios de movilidad en América Latina**. Buenos Aires: Editorial Teseo, 2023

